



FOLHA INFORMATIVA 10 – 2017 Julho

OLHARES SOBRE O TEJO



“A Associação Amigos da Cidade de Almada (AACA) realizou uma das suas tradicionais Tertúlias, desta vez com o tema "Reflexões sobre património: Almada e o Tejo". O evento ocorreu no dia 13 de Junho de 2017, na Sala Pablo Neruda – no Fórum Municipal Romeu Correia -, com dois convidados profundos conhecedores deste nosso Tejo que, desde o início dos tempos, é parte indissociável e marca genética de Almada e das suas gentes (...)

A AACA prossegue [assim] momentos de reflexão e partilha, seja da memória colectiva - identitária, histórica, cultural - seja do debate do presente, desafiando os(as) Almadenses e todos os(as) cidadãos(ãs) interessados(as) em colectivamente, através do debate de ideias, contribuir empenhadamente na construção do futuro que é de todos nós”. [texto do convite]

A Tertúlia constou de duas partes, conforme Anexo: a declamação de um poema sobre o Tejo, - com acompanhamento à viola - e um debate sobre o Tejo, enquadrado na cidade de Almada. Do que ocorreu damos conta na presente Folha Informativa, subdividida em duas partes.

ÍNDICE

1.	POEMACTO, DE HERBERTO HELDER	2
2.	REFLEXÕES SOBRE O PATRIMÓNIO: ALMADA E O TEJO.....	5
3.	ANEXO	15

1ª PARTE**POEMACTO, de Herberto Helder**

Um momento da leitura de “Poemacto”, de Herberto Helder. A declamadora é Ana Neto, nossa *Confrade do Tejo*, acompanhada à viola por José Carita. (Foto: Rui Lebre).

As barcas gritam sobre as águas.

Eu respiro nas quilhas.

Atravesso o amor, respirando.

Como se o pensamento se rompesse com as estrelas

brutas. Encosto a cara às barcas doces.

Barcas maciças que gemem

com as pontas da água.

Encosto-me à dureza geral.

Ao sofrimento, à ideia geral das barcas.

Encosto a cara para atravessar o amor.

Faço tudo como quem desejasse cantar,

colocado nas palavras.

Respirando o casco das palavras.

Sua esteira embatente.

Com a cara para o ar nas gotas, nas estrelas.

Colocado no ranger doloroso dos remos,

Dos lemes das palavras.

É o chamado rio tejo
pelo amor dentro.
Vejo as pontes escorrendo.
Ouço os sinos da treva.
As cordas esticadas dos peixes que violinam a água.
É nas barcas que se atravessa o mundo.
As barcas batem, gritam.
Minha vida atravessa a cegueira,
chega a qualquer lado.
Barca alta, noite demente, amor ao meio.
Amor absolutamente ao meio.
Eu respiro nas quilhas. É forte
o cheiro do rio tejo.

Como se as barcas trespassassem campos,
a ruminação das flores cegas.
Se o tejo fosse urtigas.
Vacas dormindo.
Poças loucas.
Como se o tejo fosse o ar.
Como se o tejo fosse o interior da terra.
O interior da existência de um homem.
Tejo quente. Tejo muito frio.
Com a cara encostada à água amarela das flores.
Aos seixos na manhã.
Respirando. Atravessando o amor.
Com a cara no sofrimento.
Com vontade de cantar na ordem da noite.

Se me cai a mão, o pé.
A atenção na água.
Penso: o mundo é húmido. Não sei
o que quer dizer.
Atravessar o amor do tejo é qualquer coisa

como não saber nada.

É ser puro, existir ao cimo.

Atravessar tudo na noite despenhada.

Na despenhada palavra atravessar a estrutura da água,
da carne.

Como para cantar nas barcas.

Morrer, reviver nas barcas.

As pontes não são o rio.

As casas existem nas margens coalhadas.

Agora eu penso na solidão do amor.

Penso que é o ar, as vozes quase inexistentes no ar,
o que acompanha o amor.

Acompanha o amor algum peixe subtil.

POEMACTO, de Herberto Helder, retirado de:

<http://cvc.instituto-camoes.pt/oceanoculturas/10.html>

Declamado por Ana Cristina Pereira Neto.

2ª PARTE***REFLEXÕES SOBRE O PATRIMÓNIO: ALMADA E O TEJO***

Maria João Burnay (*)

Depois de percorridos 1038 km, dos quais 230 km em território português, desde a sua nascente em terras de Espanha, na Serra de Albarracim - em Muela de San Juan - o Tejo chega e espraia-se como um mar na sua foz, em terras de Portugal.



“Origem do Tejo”, em Albarracim. Foto: <http://static.panoramio.com/photos/original/2328601.jpg>

Até aqui chegar e se transformar em estuário, o Tejo e a sua bacia hidrográfica, depararam-se com muitos obstáculos e contrariedades ao seu curso natural e à sua liberdade. Agressões antrópicas de varia natureza, como poluição de origens diversas, dragagem e assoreamentos, construção de obstáculos como empreendimentos hidroeléctricos (Belver, Bouçã, Cabril, Castelo do Bode, Fratel, Maranhão e Montargil), sobrepesca e apanha de bivalves, construções urbanas e industriais...

Ao longo do seu percurso e ao longo da sua longa história paredes-meias com os homens, o Rio Tejo foi-se adaptando e respondendo como a natureza lho permitia, aos impactos mais ou menos positivos e mais ou menos agressivos que a actividade humana lhe foi imprimindo.

Desenvolveu-se no entanto uma cumplicidade e uma interdependência entre este importante curso de água e os homens que dele retiravam a sua forma de subsistência e sobrevivência, a forma como nele se deslocavam, as transacções que através dele faziam, os contactos entre povos e populações, as guerras, a paz, os vestígios de tudo o que ia e ficava, e a vida crescia, se modificava, morria e tornava a nascer... Se o Rio Tejo falasse...

Será isto Património?

O conceito de património tem variações, de acordo com os contextos históricos e socioeconómicos. Difere igualmente, de acordo com o tipo de sociedades e seu estágio de desenvolvimento, ou seja a sua relação e ou interdependência, mais ou menos directa com os recursos naturais ou culturais que as envolvem e caracterizam.

Um deputado francês do século XVIII, Jean Baptista Mathieu dizia que património “é tudo o que dá uma espécie de existência ao passado”. O historiador Pierre Nora definia, no início do século XIX, o património “como o que ainda é visível de um mundo que se tornou invisível”.

“Hoje, património pode ser tudo mas não qualquer coisa, porque é tudo o que nos permite conservar a memória de um mundo que se apaga”¹.

Existe hoje uma autêntica “procura do património”, nascida da nostalgia do passado cada vez mais recente e de um futuro incerto, no que respeita à escassez de recursos. O turismo cultural e de natureza, rural... aparece neste contexto.

A perda de valores naturais, de paisagens rurais e naturais, de artes e ofícios, ligados a formas de vida em extinção e rápida mutação, começaram a suscitar por parte das pessoas uma necessidade de conhecer e perceber a história dos locais, a vida animal selvagem, as culturas tradicionais e um pouco de tudo o que ameaçava desaparecer.

Não querendo alongar-me por aqui volto ao Tejo, mais propriamente ao final da sua grande viagem, onde ele é circundado por um conjunto de povoamentos cuja história é marcada por esta massa de água conhecida também como *Mar da Palha*, pergunto: *como foi e é feito esse diálogo terra/homens e água?*



“O Mar da Palha” (Fonte: <https://image.slidesharecdn.com/apresentacao-acidenteslitoraisportugueses>)

O Estuário do Tejo como património natural

A importância deste estuário, como património natural, levou a que sobre ele recaíssem 4 instrumentos legais de protecção e classificação.

¹ Ministério da Cultura. *Patrimoine, État et Culture*. Livraria Clássica Editora.

A classificação com fins de protecção, é uma das formas que o homem na sociedade ocidental, encontrou para conservar e proteger o património, neste caso, com maior incidência, o património natural².

São eles:

A. CONVENÇÃO DE RAMSAR – ZONA HÚMIDA DE IMPORTÂNCIA INTERNACIONAL

É uma Convenção que reconhece o valor dos estuários, enquanto zonas húmidas, como um dos ecossistemas mais importantes pelas suas funções, quer para o homem quer para a biodiversidade.

A sua riqueza biológica, a elevada produtividade que representa como local de alimento, de reprodução e “nursery” [“berçário”], para muitas espécies protegidas e outras de valor económico, fazem deste estuário um santuário.

A importância do Estuário do Tejo como zona húmida, assenta ainda na sua localização geográfica estratégica e nas condições ecológicas que permitem albergar anualmente mais de 100.000 aves aquáticas invernantes.

Por estas razões, o Estuário do Tejo, passa a integrar a Lista de Sítios da Convenção de Ramsar, em 24 de Novembro de 1980.

A importância do Estuário do Tejo para o homem está patente nas actividades que nele se foram desenvolvendo, como a pesca, a exploração de bivalves, a aquacultura, a produção de sal, o lazer, a indústria, a navegação...

Actualmente, apesar da diminuição da importância da pesca artesanal, os recursos haliêuticos do estuário do Tejo contribuem ainda para a subsistência de várias comunidades piscatórias ribeirinhas das suas margens, tais como as da Póvoa de Stª Iria, Alhandra, Vila Franca de Xira, Alcochete, Montijo e Seixal.

A apanha de moluscos bivalves nos bancos naturais intertidais é também uma actividade tradicional que se exerce ainda no estuário do Tejo. Apesar do desaparecimento dos bancos de ostras do estuário do Tejo, (nos anos 60) a apanha de berbigão e da lambejinha tem ainda alguma importância económica.

² Burnay, Maria João. (2009). *O Plano de Ordenamento do Estuário do Tejo. Saberes e Reflexões*. Lisboa, APA, pp 143-148.

B. REDE NATURA 2000 – ÁREAS CLASSIFICADAS DE IMPORTÂNCIA COMUNITÁRIA

O estuário do Tejo integra duas zonas de importância comunitária abrangidas pela Rede Natura 2000, decorrentes das Directivas Aves e Habitats.

1ª - A Zona de Protecção Especial para Aves Selvagens do Estuário do Tejo, com uma área de 44 770 ha, integra parte dos concelhos de Alcochete, Benavente, Loures, Moita, Montijo e Vila Franca de Xira. A ZPE-ET possui um plano de gestão.

2ª - O Sítio de Importância Comunitária Estuário do Tejo (SIC-ET), com uma área de 44 609 ha, abrangendo parte dos concelhos de Alcochete, Benavente, Loures, Montijo e Vila Franca de Xira.

B.1. O Plano Sectorial da RN2000

O Plano Sectorial da RN2000 contém as principais orientações de integração dos objectivos da ZPE-ET e do SIC-ET, para os diferentes instrumentos de gestão territorial.

As orientações pretendem contribuir para controlar e evitar os seguintes factores de ameaça decorrentes de:

- . proximidade de zonas urbanas e industriais em expansão;
- . novas edificações e vias de edificação;
- . pressão urbana e turística, poluição doméstica, industrial e de origem agrícola, dragagens, águas de lastro e de lavagens de embarcações;
- . práticas de actividades aquícolas, agro-silvo pastoris desadequadas à conservação de habitats e de espécies protegidas.

C. RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO TEJO – ÁREA PROTEGIDA DE ÂMBITO NACIONAL

A Reserva Natural do Estuário do Tejo (RNET) foi criada com o objectivo de assegurar uma gestão do ecossistema estuarino, que garantisse a manutenção do seu potencial biológico, realçando a importância fundamental do estuário para o repovoamento piscícola da nossa costa marítima, salientando o seu valor como habitat de aves migradoras.

Com 14.192 ha, a Reserva Natural abrange uma extensa superfície de águas estuarinas, campos de vasas recortados por esteiros, mouchões, sapais, salinas e terrenos aluvionares agrícolas (lezírias). Integra parte dos concelhos de Alcochete, Benavente e Vila Franca de Xira.



Imagem aérea do Estuário do Tejo. A vermelho está assinalada a *Reserva Natural do Estuário do Tejo*.
(Fonte: <http://www.roteiroportugal.com/wp-content/uploads/mapa-estuário-do-tejo.jpg>)

C1. Plano de Ordenamento da Reserva Natural do Estuário do Tejo (PORNET)

O PORNET estabelece os regimes de salvaguarda de recursos e valores naturais e fixa os usos e o regime de gestão a observar na sua área de intervenção, com vista a garantir a conservação da natureza e da biodiversidade e a manutenção e valorização das características das paisagens naturais e seminaturais, privilegiando a manutenção da vocação natural da Reserva Natural do Estuário do Tejo enquanto habitat de aves migratórias.

Na área estuarina, identificaram-se os seguintes níveis de protecção: áreas de protecção total, áreas de protecção parcial do tipo I e tipo II e áreas de protecção complementar.

Na área terrestre definiram-se áreas de protecção parcial e áreas de protecção complementar.

Foram ainda criadas áreas de intervenção específica, pela particularidade e necessidade de uma gestão mais pró-activa para os mouchões de Alhandra, do Lombo do Tejo e da Póvoa e para as salinas da Saragoça, Vasa Sacos, Vale Frades e viveiro norte da Bela Vista.

C2. Plano de Gestão da Reserva Natural do Estuário do Tejo e a necessidade de articulação com o Plano de Ordenamento do Estuário do Tejo (POET)

A área de intervenção do POET, integra as águas de transição, os leitos e margens que constituem o estuário, e ainda a orla estuarina à qual corresponde uma zona terrestre de protecção com a largura máxima de 500 m contados a partir da margem. Abrange parcialmente

os concelhos de Cascais, Oeiras, Lisboa, Loures, Vila Franca de Xira, Alenquer, Azambuja, Benavente, Alcochete, Montijo, Moita, Barreiro, Seixal e **Almada**.

Para uma gestão directa e de proximidade nos territórios classificados é fundamental a existência de um instrumento que seja elaborado com os diferentes actores e construtores do território, e que se prendam com as seguintes necessidades:

- Garantir um modelo portuário compatível com os objectivos da RNET, assegurando que o desassoreamento para manutenção das condições de navegabilidade e acessibilidade, contribuam para a manutenção dos mouchões e dos habitats estuarinos protegidos.
- Garantir a qualidade ambiental do ecossistema estuarino, considerando um programa de monitorização que inclua indicadores ecológicos, uma gestão adequada das descargas das águas de drenagem das valas agrícolas e dos efluentes urbanos e industriais, assim como uma mobilização de sedimentos reduzida ao essencial. – esta preocupação está consignada no PORNET e o Programa de Execução do PORNET prevê acções para esse fim. Abrange todo o estuário (até Muge), sendo essencial que o POET a assegure, pois extravasa a RNET, cuja intervenção pouco mais poderia avançar para além da definição de um plano de gestão das descargas das valas do AHLGVFX e no plano de desassoreamento da APL para manutenção das condições de navegabilidade e acessibilidade.
- Avaliar a viabilidade de reintrodução da ostra-portuguesa e a sua exploração económica assim como determinar no estuário zonas de produção de moluscos bivalves.
- Avaliar o impacte da pesca e apanha (legal e ilegal) sobre os recursos pesqueiros (repopoamento stocks costeiros, populações de migradores). Embora as principais áreas para a salvaguarda destas espécies se encontrem na RNET, esta preocupação abrange todo o estuário e mesmo o rio Tejo e Sorraia.
- Recuperar a função de refúgio de preia-mar e local de nidificação para as aves limícolas nas salinas da RNET – o PORNET definiu áreas de intervenção específica para as salinas da Saragoça, Vasa Sacos, Vale Frades e viveiro norte da Bela Vista e o seu Programa de Execução, prevê acções para cada uma delas com base em usos sustentáveis que assegurem condições ecológicas adequadas à conservação das espécies da avifauna aquática, compatibilizando usos tradicionais com o potencial aproveitamento para o turismo de natureza associado à observação de aves através de um programa global de intervenção, que estabeleça um modelo de gestão das salinas.
- Compatibilizar a actividade agrícola e de pastoreio com as necessidades ecológicas das espécies dependentes dos habitats agrícolas – o PORNET prevê a preparação de um Programa de Intervenção Agrícola para a área do AHLGVFX coincidente com a RNET. Para além disso, o Programa de Execução do PORNET prevê também a monitorização do impacte da fauna selvagem sobre as produções agrícolas. Esta preocupação é extensível à PTZPE0010, mas em zonas fora do espaço de intervenção do POET.

- Desenvolver uma rede de oferta, articulando estratégias e acções entre as várias entidades promotoras de actividades turísticas, relacionadas com o estuário. O PORNET prevê a promoção do turismo de natureza, mas a actividade é bastante condicionada e implica a sua integração numa rede inserida no espaço de intervenção do POET. Inclui questões como a publicação da carta de desporto de natureza, algo equivalente para as outras actividades de animação, carta de fundeadouros e postos de acostagem, identificação de locais de pesqueiro para a pesca lúdica, etc.
- Desenvolver uma rede de oferta, articulando estratégias e acções entre as várias entidades promotoras de actividades de educação ambiental e ainda a necessidade de articular a investigação relacionada com o estuário, assegurando resultados úteis para orientar a gestão dos recursos e valores naturais a salvaguardar.

Estes aspectos são porventura interessantes para o concelho de Almada que vê aproximar-se, no seguimento da sua desactivação, a remoção total do que foi a LISNAVE e poderá apostar na requalificação da sua zona ribeirinha, integrando-a numa oferta de turismo de natureza e interpretação de um vasto património histórico-cultural.

A arqueologia industrial poderá ter aqui uma forte aptidão para dotar o território de uma leitura interpretativa do que foi a indústria neste concelho e a sua ligação com o povoamento e a história actual.

Breves apontamentos sobre ALMADA

A região onde Almada se localiza regista presença humana no paleolítico médio, neolítico, calcolítico e idade do bronze. No período romano tem os principais vestígios em Porto Brandão e Cacilhas, que era o principal porto de Almada.

“Al-madan”, que significa mina (ouro ou prata), é um nome árabe com origem na exploração de minas de ouro, em Adiça - hoje praia naturista na Fonte da Telha – na ocupação árabe dos séculos XI e XII.

Almada, que teve outrora uma importante função de vigilância de Lisboa e do estuário do Tejo, começou a receber populações de pescadores vindos de Ílhavo e do Algarve na segunda metade do século XVIII

Nos inícios do século XIX aí se iniciou o processo de industrialização, em detrimento da agricultura. Como resultado do acentuado processo de urbanização surgem as primeiras colectividades, sendo a Sociedade Filarmónica Incrível Almadense a primeira criada, a 1 de outubro de 1848.

Em 1861, é construído o primeiro barco de ferro, no estaleiro naval e em 1916 Almada é incluída no distrito de Setúbal. Em 1959 é Inaugurado o Cristo Rei.

Em 1970 a LISNAVE tinha 9000 empregados. A LISNAVE ainda hoje, está marcada na memória como parte da paisagem da margem esquerda, vista a partir de Lisboa.

No presente*Desactivação da LISNAVE*

Constituição do Arco Ribeirinho Sul com o objectivo, entre outros, da requalificação do território industrial de Almada (Margueira), Barreiro (Quimigal) e Seixal (Siderurgia Nacional).

Nos terrenos da Margueira, está previsto nascer a Cidade da Água, um megaprojecto urbanístico, com habitação, serviços, uma marina, um terminal multimodal, hotéis, escritórios e áreas culturais e de lazer. O plano foi aprovado e publicado em 2009. No entanto, questões administrativas, como a da titularidade dos terrenos, têm atrasado o processo.



Barreiro, Seixal e Almada atraem investidores. Vários grupos estrangeiros estão interessados no projeto (Fonte: adn-agenciadenoticias.com)

A área do plano para a Margueira atinge os 115 hectares, da Cova da Piedade até Cacilhas (área do estuário). Serão 630 mil metros quadrados de área bruta de construção dividida por diferentes vocações, sendo que cerca de 70% será para uso misto.

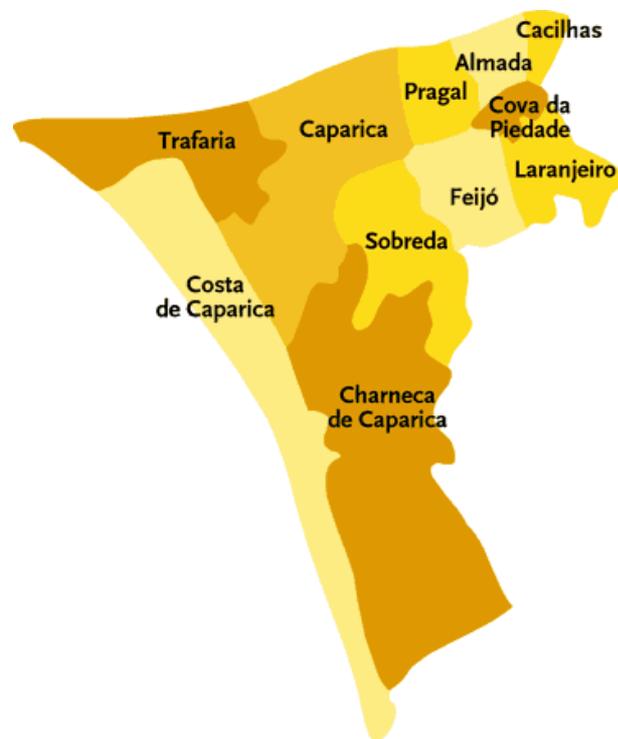
Como irá Almada desenvolver a transição socioeconómica e territorial de base industrial para actividades sustentáveis e atractivas?

Algumas características e recursos de Almada para a valorização do seu património e apoio a um turismo de natureza e sustentável.

Almada tem 6 freguesias com zonas ribeirinhas, banhadas pelo Tejo, em cerca de 27 km, a norte do concelho e parte da freguesia da Trafaria e toda a extensão da freguesia da Costa da Caparica, banhadas pelo oceano Atlântico.

A Zona estuarina, a nascente, é caracterizada pelas vasas entre marés, ou lamas, e é um local importante para a avifauna. Esta zona conflui com o sapal de Corroios (que tem potencialidades para turismo de natureza) Cacilhas, Trafaria e a localidade de Porto Brandão - que testemunham ainda a relação com o Tejo e a vocação marítima das suas populações - assim como o passeio marítimo do Ginjal, para interpretação e usufruto.

Almada tem ainda Zonas protegidas, como a Mata dos Medos, uma Reserva Botânica, com 350 ha de pinheiros Mansos e a Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica.



O Concelho de Almada (Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/35>)

PONTOS FORTES do RIO/ESTUÁRIO

Um aspecto muito importante e decorrente do encerramento da LISNAVE e de outras indústrias pesadas poluentes é a melhoria na qualidade da água assim como a melhoria do tratamento de esgotos nas ETAR's de Alcântara, Seixal e Barreiro/Moita.

Um bom indicador das melhores condições do Rio Tejo é o reaparecimento da ostra portuguesa (*les portugaises*) e também o avistamento de alguns golfinhos, que entram no estuário vindos do Atlântico para se alimentarem (note-se que, devido à boa qualidade da água, têm aparecido as corvinas). A única comunidade de golfinhos residentes em Portugal, como se sabe, são os Roazes no Estuário do Sado.

A qualidade da água e o saneamento a 100% de eficiência traz igualmente condições agradáveis para as praias ribeirinhas, prática de desportos náuticos e passeios ao ar livre, ao longo da zona ribeirinha.

Os aspectos da poluição da água, que podem ser directamente tratados ou colmatados, e com origem local, têm tido resultados muito positivos e propiciam o desenvolvimento de actividades atractivas e sustentáveis.

No entanto existem outras ameaças ao equilíbrio ecológico do estuário, que preocupa não só técnicos e investigadores, como municípios ribeirinhos.

Em março passado foi dada importância à questão das exóticas invasoras com a realização, em Alcochete, do *1.º Encontro sobre Espécies Exóticas Aquáticas no Tejo*, que incluiu uma exposição sobre “Invasão Exótica: o Tejo sob ameaça”.

A introdução de espécies exóticas, como por exemplo a amêijoia japonesa, constitui um problema para os concelhos ribeirinhos, e para as populações que vivem da apanha de bivalves no estuário. A amêijoia japónica foi introduzida para a aquacultura, mas a sua produção já se alargou ao meio natural.

Também o jacinto de água, uma planta ornamental oriunda do Brasil, é uma planta infestante com impactos fortíssimos nos rios e lagos onde se desenvolve a uma velocidade enorme, deixando um manto verde a cobrir todo o lençol de água, no entanto não se dá bem com águas salobras ou com índices de salinidade.

Outra espécie exótica que colide com as espécies autóctones é o siluro, tipo peixe-gato, que atinge grandes proporções e por isso é muito procurado pelos pescadores, sendo oriundo da Ásia/Rússia.

Estes são exemplos de preocupações que assistem os concelhos ribeirinhos e que, por essa razão, debatem e procuram soluções para os problemas, que são comuns.

O património de Almada, ligado ao Estuário do Tejo, merece ser promovido e integrado numa rede de valorização ambiental e social.

Proporcionando o usufruto económico e de lazer às populações locais e visitantes e simultaneamente, há condições para que o ambiente natural reforce a sua aptidão de local privilegiado para a avifauna e biodiversidade estuarina.

ALMADA tem uma história para contar e pode fazê-lo conjuntamente com o TEJO, agora mais próximo e cúmplice, se dialogar com o seu Estuário, onde tudo terá começado.

(*) *Maria João Burnay*

Ex-presidente da LPN – Liga para a Protecção da Natureza
Ex-directora da RNET – Reserva Natural do Estuário do Tejo

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA CIDADE DE ALMADA
Almada, 13 de Junho de 2017



Um momento do interessante e vivo debate, com Maria João Burnay e Ana Cristina Pereira Neto.
(Foto: Rui Lebre)

ANEXO



A Associação Amigos da Cidade de Almada
realiza a TERTÚLIA

Reflexões sobre património: Almada e o Tejo

com

José Carita e Ana Pereira Neto - Momento musical com poesia
João Serrano - Presidente da Confraria Ibérica do Tejo
Maria João Burnay - ex-Presidente da LPN
ex-Diretora da Reserva Natural do Estuário do Tejo

Moderação **Ana Pereira Neto** - CHAM/UNL e AACA

13 de junho 2017, 3ª feira - 18h00
Fórum Municipal Romeu Correia - Sala Pablo Neruda

VENHA CONHECER (MELHOR) O NOSSO PATRIMÓNIO

Almada tem Identidade!

AACA - Associação Amigos da Cidade de Almada
Rua Capitão Leitão, 5-2º Esq. • Almada
211 955 308 • amigosalmada@gmail.com



ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL